

Produtor quer criar núcleo rural

Chacareiros de fim de semana que ocupam irregularmente áreas da Terracap nas colinas do Paranoá, na margem oposta às mansões do Lago Norte, estão ameaçados de perder a vida bucólica, o ar puro e a vista completa da cidade, onde trabalham ou se divertem. Na mesma área, que se estende da Invasão do Varjão à Vila Paranoá, limitando-se, nos fundos, com o acesso a Sobradinho, vivem mais de 300 produtores.

Estes reivindicam a legalização das terras e sua transformação em Núcleo Rural, a exemplo do ocorrido em Aguas Claras e Vicente Pires. Na luta pela fixação, podem entrar forças espirituais. Um dos interessados é o pai-de-santo Raul de Xangô.

Capazes de suprir a demanda dos moradores do Lago Norte, de frutas, ovos, leite e carnes de pequenos animais, os produtores criaram a Associação dos Chacareiros do Paranoá Norte - APAN, presidida por José Oliveira Passos, e já estiveram com o governador José Aparecido, de quem obtiveram promessa de que a pretensão poderá ser acolhida.

Os secretários de Agricultura, Leone Teixeira, e de Viação e Obras, Carlos Magalhães, também presidente da Terracap, se envolveram na questão e afirmam que tudo está sendo feito para que o assunto se resolva favoravelmente aos produtores. O secretário Leone Teixeira fala em "separar o joio do trigo", para que os produtores deixem a condição de invasores, mas só serão beneficiados os que realmente plantam.

LAZER

Ocupar grandes áreas sem preocupação com impostos, pois não são regularizadas, e produzindo apenas o necessário para consumo próprio, foi a opção encontrada por alguns dos chacareiros do Paranoá, embora uma outra parcela dedique-se realmente à lavoura e criação de animais. Quando não produzem alimentos, exploram a venda de plantas ornamentais, e alguns até constituíram empresas. A produção só não é maior por falta de infra-estrutura. Não há luz, e a água é escassa. Muitos não têm coragem de investir, ante à incerteza sobre a permanência no local.

Chacareiros como Estelita Pereira Soares, professora aposentada, se quer vivem na propriedade, entregando-a a caseiros remunerados com o salário mínimo. Há cinco anos, segundo o caseiro José Moura, ela adquiriu os direitos sobre seis hectares do coronel José Otoni de Leite, que manteve para si a chácara vizinha — a Alessandra, número 4, lote 1. Estelita deu o nome de Senzala à sua chácara e lá José Moura planta banana, hortaliças, cana e maracujá há oito meses.

José é goiano de Campos Belos, tem mulher e dois filhos. Há 18 anos em Brasília, trabalha como caseiro há 11. Segundo José Moura, Estelita pouco aparece na chácara, havendo ocasiões em que ele precisa ir ao Plano Piloto para receber o ordenado. O que existe de produtivo, como a criação de patos e perus — a lavoura está em fase de formação — é iniciativa de José Moura.

O ocupante da Chácara Alessandra, coronel Otoni, mora no local, mas passa o dia todo no Plano, deixando a terra entregue ao empregado José da Silva, mineiro de Uberlândia, há 18 anos no DF, oito filhos e morador em Brasília. Ele diz receber mais que o salário mínimo, pois "o patrão é camarada e ainda me dá meia produção. O que consegui colher até agora foi pouco — 20 sacos de arroz. Ele plantou milho, mas a cultura fracassou, devido ao terreno

ser ingrato e não ter recebido tratamento adequado".

Outra chácara das colinas do Paranoá entregue a caseiro, com o dono ausente, é a de Pedro Azevedo, aposentado, morador na 307 Sul, bloco D, apartamento 402. Quem cuida da chácara é outro aposentado, Joaquim Furtado Sobrinho, que trabalhou na construção civil até 1973. Daí em diante passou a ocupar-se em biscoitos de roça. Joaquim vive com a mulher Cecília da Costa Furtado e habita a chácara há

três meses.

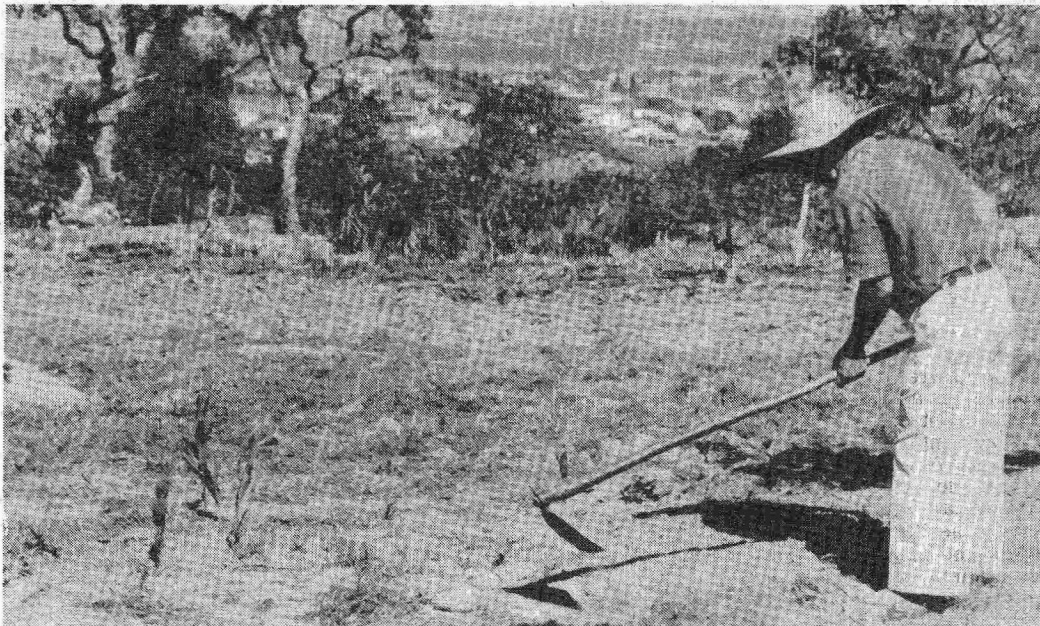
SEM ÁGUA

A chácara de Pedro Azevedo chama-se Santo Antônio. Joaquim Sobrinho não sabe informar a área total. A plantação é incipiente, resumindo-se a umas poucas árvores frutíferas sem grande produção. Como José da Silva, Joaquim Sobrinho diz que o ideal seria plantar hortigranjeiros, mas o local não dispõe de água. Joaquim cavou uma cisterna, mas ela secou.

Mais por necessidade do que por lazer, Dalva Nunes Ferreira de Melo vive noutra chácara, mas não sabe o número nem o lote em que se localiza. A chácara é de sua irmã Ana Nunes Ferreira, mãe de dois filhos, funcionária do Banco Central, que não chega a produzir o necessário para o próprio consumo.

Se houver a transformação da área em núcleo rural, podem se beneficiar, pois muitos como eles integram a Apan, embora não sejam produtores rurais.

JOAQUIM FIRMINO



"Seu" Furtado: tenacidade e trabalho na terra ajudaram a criar nove filhos

3